

Maria mãe de Jesus O amor e o princípio feminino da Vida.

“... **Maria** (*Mapía* transliteração em grego do hebraico *Maryam, Miriã ou Miriam* מִרְיָם que em hebraico significa "contumácia" ou "rebelião" ^{[1][nota 1]}; a origem é incerta, mas pode ter sido originalmente um nome egípcio, provavelmente derivado de *mry* ("amada") ou *mr* ("amor"), ^[2] no sentido de "senhora amada"; era a mãe de Jesus de Nazaré, segundo a Bíblia. Acredita-se que tenha nascido em Jerusalém a partir de 15 a.C., para alguns estudiosos teria nascido em Nazaré. O culto feito à Virgem Maria é conhecido por Marianismo e Maria é considerada, pela Igreja Católica, Co-Redentora da humanidade.

Alguns autores afirmam que Maria era filha de Eli, mas a genealogia fornecida por Lucas alista o marido de Maria, São José, como "filho de Eli". A *Cyclopædia (Ciclopédia) de M'Clintock e Strong* (1881, Vol. III, p. 774) diz: "É bem conhecido que os judeus, ao elaborarem suas tabelas genealógicas, levavam em conta apenas os varões, rejeitando o nome da filha quando o sangue do avô era transmitido ao neto por uma filha, e contando o marido desta filha em lugar do filho do avô materno. (Números 26:33, Números 27:4-7)." Possivelmente por este motivo Lucas diz que José era «filho de Eli» (Lucas 3:23)^[3]...”

Texto extraído da pagina da Internet – site Wikipédia. ¹

Comecei este pequeno estudo copiando o trecho acima da Internet que achei tão boa a sua construção, que anotei o link na nota de rodapé para aqueles que se dispuserem a se aprofundar no estudo já que ele, o texto, contém outros dados que entendi de relevante interesse para quem decidir estudá-lo.

De fato inicio minha linha de argumentos raciocinando que a figura de “Maria” se conecta com o princípio feminino da própria vida. Senão vejamos; Maria, mãe de Jesus, assume por vontade divina o papel de “iniciadora” do processo Cristico e Cristão. Nos tempos da vinda de Jesus a este nosso mundo, aquela era uma sociedade altamente controversa, se compararmos aos padrões atuais, justamente por seguir Leis sócio-religiosas rígidas ao extremo (adultério p. ex., como sabemos pelo Novo Testamento era punido com a morte por apedrejamento). Entretanto, Ela “ousou” chamarei assim, ouvir sua gravidez com seu futuro esposo José afirmando tratar-se de um ato de vontade do *Espírito Santo*.

Convenhamos, mesmo naqueles dias isto seria muito difícil de se acreditar. O extraordinário que segundo o texto de Lucas², isto foi considerado “normal” por José, que segundo transparece era uma pessoa comum, portanto não atrelada aos misteriosos fatos do mundo espiritual. Ou seja, quero dizer que José que não era religioso ou tinha algum antecedente de ligação com “Deus”, tal qual Moisés, Elias, Joel, Jeremias ou

¹ Vide o artigo completo em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_\(m%C3%A3e_de_Jesus\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_(m%C3%A3e_de_Jesus))

² Vide N.T. – Lucas 1,26-38

qualquer outro grande profeta e, mesmo assim aceitou o fato de modo inusitado, inesperado e pleno, em virtude da presença do Anjo que lhe comunicou a “paternidade” daquele que seria depois chamado de o *filho de Deus*.

Fazendo um pequeno aparte, em muitas culturas a prática de devoção a *Deusa Mãe, a Terra*, era precisamente atrelada ao princípio feminino da vida entendendo que este mesmo significado ocorreu também no cristianismo, já que Maria representa o amor, a ternura e o aconchego maternal e por que não dizer a *renovação da vida* de cada pessoa.

De fato porém, voltando aos tempos de Jesus, muito do traço patriarcal judeo ficou embutido no cristianismo. Se formos honestos a mulher, como figura humano-feminina, não obteve praticamente nenhuma diferenciação benéfica nos textos sagrados cristãos. Aliás, claramente a mulher continuou a ser discriminada e em muitos casos sendo relevada a um papel secundário, exemplo disso é a posição de Maria Madalena, que para não receber “créditos” de apóstolo pelos sacerdotes cristãos primitivos, chegou a se insinuar nas entrelinhas de muitos estudiosos da religião que se tratava da prostituta que pediu perdão pelos pecados, visto que dela haviam sido expulsos sete demônios³.

Outra coisa importante de se registrar é a exclusão de crenças religiosas romanas pré-cristãs, e aqui cito as de liderança sacerdotal feminina, como o culto a Isis (certamente provindo do Egito) ou o culto a Nabia (divindade dos rios da região da Galia o Galícia) , uma vez que claramente o cristianismo depois de Constantino⁴ rotulou de *pagão* tudo o que não era voltado para os Evangelhos de Jesus, segundo muito do que o Bispo Irineu⁵ assim determinou, aproximadamente um século e meio antes.

Mas a humanidade sempre teve e no meu modo de ver as coisas, sempre terá, a necessidade de expressar sua ligação religiosa com as divindades femininas. Inconscientemente buscamos a expressão do afeto e do amor e este “lado feminino” de nossa natureza, sejamos homens ou mulheres, carecem de apreciação e expressão. Ou seja, precisamos nos “observar” como criatura dóceis e expressarmos a docilidade em nossos atos, gestos e atitudes. Nenhuma pessoa é capaz de apenas expressar o tempo todo somente o seu lado rude, tosco e agressivo, aliás este lado mal e perverso da natureza animal humana é por vezes “combatido” digamos assim, pelo mal-estar que de modo claro se instala em todos nós quando não agimos dentro dos padrões de cordialidade, amor e doçura.

³ N.T. Lucas 8:2

⁴ Concílio de Nicéia – 325 d.C.

⁵ Irineu de Lyon ca. 130-220 d.C, era grego e “escolheu” os quatro evangelhos que seriam depois canonizados como a *palavra de Cristo* em detrimento dos outros textos evangélicos gnósticos que foram banidos por serem por ele considerados proscritos da teologia divina.

Sem nenhuma chance de errar, afirmo que todos nós carecemos de amor. E por ser desta forma não poderíamos em nossa história deixar de cultuar em nosso panteão de deuses, as figuras femininas. Somos por silogismo, carente de deusas.

A Representação de Maria no mundo Cristão espiritual.

Sem dúvidas Maria representa sobretudo amor. O amor mais puro e forte que pode existir, o chamado amor materno ou *amor de mãe*. Quando Jesus pregou sua nova mensagem, determinando que o homem a partir daquele momento de sua vida poderia escolher entre a *antiga lei*, que era rígida, punitiva, que educava pela imposição da força, o que no caso em meu modo de entender as coisas não educava o homem, mas sim o *adestrava* ou no mínimo o condicionava, e a *nova lei*, a do amor e do perdão, onde a consciencia da prática do bem libertava o homem de sua dor, Ele de maneira inequívoca mostrou que era possível somente se viver sob a égide de uma delas, visto que as duas eram antagônicas em sua didática evolutiva espiritual.

Seria impossível para o mundo viver em paz, se não houvesse amor e perdão. Jesus de muitos modos por expressão vivencial mostrou isto aos que tiveram boa vontade de estudar as passagens de sua vida. Convenhamos, porém, que os evangelhos são tímidos em relatar a vida de Jesus. Mesmo o Mestre tendo tido entre nós no mundo dos encarnados uma curta passagem no plano terreno, somente 33 anos, Dele, de Seu tempo e de Sua vida, somente uma síntese foi registrada por Matheus.

Fico imaginando, que a vida do Divino, foi por vezes objeto de intensas discussões nos lares, ou mesmo em volta das fogueiras, nos relatos dos viajantes e nas casas dos Judeus ou mesmo Gentios pelos contos de Estevão, Paulo, Marcos e outros. Quantas histórias Dele deixamos de conhecer? Não nos esqueçamos que o texto dos quatro evangelistas são oriundos dos relatos verbais que passaram de geração para geração, como disse, de modo oral e seis décadas depois foram compiladas em um manuscrito, que sabe-se lá se não foi alterado no transcorrer dos séculos seguintes já que o texto original nunca foi encontrado.

Claramente saltam aos olhos do leitor estudioso e atento às diferenças dos 4 Evangelhos - de Matheus, Marcos, Lucas e João -, o quanto a Sua história mudou de relato para relato, sendo que naquele último por vezes parece relatar a história de um outro Jesus, presumivelmente diferente em muitos aspectos de sua humanidade e divindade.

Mas Maria sempre ocupou o lugar da mulher que embora submissa, nunca deixou de expressar amor. A mulher fiel aos seus sentimentos que chorou de tristeza diante da cruz, que chorou de tristeza também quando não achou o corpo de seu amado filho quando o procurou no túmulo ou cripta junto com Madalena. Ou seja, Maria sempre formou a expressão maior do amor zeloso mesmo quando rechassada. O amor de Maria expressa a fidelidade do amor, o tipo de amor leal que não abandona nunca.

Maria é, em meu modo de entender o texto evangélico, a expressão do amor ideal e sublime que às vezes só pode existir fora deste mundo e mesmo assim em seres de tão elevada evolução que ficaria praticamente impossível entender como alguém poderia amar de forma tão generosa, grandiosa e magistral. Creio que é por este motivo que Maria, que um dia foi determinada por desígnios superiores para ser a *Mãe do Filho de Deus*, ou para muitos a mãe do Deus-vivo ou Deus que se fez homem para ver o que realmente acontecia com Suas Criaturas aqui na Terra, que Ela é afirmada por muitos como a *Senhora Rainha*, suprema regente de seus fiéis seguidores e até suprema regente de povos ou nações.

Neste caso então, o predicado de amor sem limites é o constituinte de Sua excelsa magnitude e é o que a caracteriza como a maior e mais elevada divindade do panteão católico-cristão depois de Jesus, mesmo se analisada na antiguidade entre os que praticaram a filosofia religiosa do cristianismo primitivo.

É interessante esta observação porque notamos que mesmo entre os familiares de Mestre Jesus, seu pai José ou mesmo seus irmãos, embora tenham seus nomes registrados nos textos evangélicos em passagens de contexto, não recebem hoje e nem receberam no passado a veneração que é atribuída a Maria. Podemos até dizer para aqueles que como eu a veneram que ela é então a mãe de todos nós.

Visto pela ótica do que expliquei é perfeitamente compreensível entender porque Maria, a mãe, é um símbolo, que neste caso, é o símbolo feminino da vida que representa o amor absoluto e sem limites. Trata-se de símbolo feminino espiritual

Isto se torna interessante porque antes do advento da mensagem de amor e perdão de Jesus, nos rituais de cultos, considerados pagãos ou não, a figura feminina que era “deusificada” era apenas uma figura que representava a fertilidade ou fecundidade, a figura da provedora que no caso era a terra. A figura feminina da vida tinha uma ligação com as colheitas, a maternidade era a renovação da vida pelo suprimento das necessidades básicas do homem daqueles dias.

Já no novo sistema em que Jesus explica e ensina *que nem só de pão vive o homem*, Maria surge como apóstola para saciar e prover os anseios da alma através da sublimidade do amor de mãe que cuida de fazer renovar, não a vida corpórea, mas sim a vida espiritual de Seus filhos. Se Jesus nos ama e nos ensina a amar, é Maria quem pratica, manifesta e ensina o amor através da simplicidade e fidelidade com que acompanha a Jesus em direção ao Calvário na forma das Samaritanas. Ou seja, mostramos a figura da mãe complacente e amorosa presente nos momentos de dor de Seu amado filho.

Fascinante se torna nosso estudo se aprendermos a admirar a Sua bondade e a simplicidade na leitura do relato evangélico. Necessita o estudioso fazer como estou fazendo, um desmembramento de conclusões e ilações sobre a passagem de Mãe Maria no relato dos textos canônicos. Fico me perguntando como ficou ela, Maria, e aqui posso

também transportar minha imaginação para a mente e o pensamento de Madalena e das outras mulheres dos apóstolos quando da perseguição sacerdotal judaica? No meu entender, naquele momento histórico nascia também uma *alma evangélica feminina* junto com a mensagem de Jesus. Um modo de fazer o amor ser possível de ser visto em atitudes de pessoas comuns e não só apenas em palavras.

Entendo que isto ficou gravado ainda que não de modo claramente expresso ou passível de comprovação, no inconsciente coletivo dos cristãos, a ponto de Maria deter o título de *co-redentora* da humanidade, já que foi de Seu ventre que chegou o *Nosso Senhor*.

Existem muitos fenômenos (não gosto do termo *milagre*) atribuídos a Maria, que, diga-se de passagem, recebe muitos nomes, um para cada lugar onde é venerada, mas Sua manifestação é sempre de amor expresso pelos seus veneradores ou fiéis. Uma de Suas mais importantes *mensagens* como sabemos aconteceu em Fátima – Portugal em 1917. Impressionantes profecias que culminaram com ascensão e queda do comunismo e do Império Soviético. Graças a Deus, a humanidade foi salva da hecatombe nuclear. Méritos dos homens de boa vontade.

Conclusões

É necessário rever o conceito do mundo sem os princípios de amor e perdão que muitos ainda teimam em seguir. Não se almeja ainda por total impossibilidade, a realidade de um mundo perfeito, mas é plenamente factível buscarmos um mundo onde o melhor de humanidade de cada um possa ser expresso nas Leis de amor e perdão trazidas por Jesus. A figura feminina não deve ser caminho a ser seguido apenas por mulheres, mas por todas as pessoas que almejam as novas Leis divinas que certamente mudarão o mundo em que vivemos. Maria, como exemplo, deve ser a realidade nos corações de homens e mulheres de todo o planeta.

Aprendemos a louvar a Jesus, escrevo isto para quem segue os caminhos da fé cristã, então é tempo de também entendermos que a figura materna e amorosa não é prerrogativa apenas de mulheres, mas sim de pessoas, independentemente a que gênero sexual ela pertença. Maria, por fim, representa a sensibilidade de compreensão, de aceitação e por vezes até a resignação necessária diante de fatos que por vezes a vida nos impõe. Sem estes atributos pode ser impossível fazer o perdão adentrar em nossos corações.

Lendo os textos antigos deixados pelos nossos patriarcas, observei muitas vezes que Jesus, ensinou e mostrou como seguir os caminhos do amor, mas Maria foi uma das primeiras a andar por estes caminhos depois...

Mestre Reinaldo
Amenokam em Cristo Jesus